

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social

PESQUISA-AÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

MICHEL JEAN-MARIE THOLLENT¹

RESUMO

A metodologia participativa e a pesquisa-ação ganham maior relevância no atual contexto de crise na contemporaneidade e de busca por alternativas em perspectiva de democratização e inclusão social. É preciso redefinir e atualizar seus pressupostos e princípios em termos de metodologia qualitativa voltada para a formulação de ações transformadoras. Propõem-se elementos iniciais para alcançar esse objetivo, com base em reflexões e bibliografia recentes. Sugere-se um levantamento de possibilidades de aplicação nas atividades universitárias, em particular em projetos de extensão e, finalmente, algumas indicações para elaborar uma ética de pesquisa-ação adaptada ao atual contexto.

Palavras-chave: Pesquisa-ação, metodologia, participação, ação, extensão, Ética

RESUMEN

La metodología participativa y la investigación-acción cobran mayor relevancia en el contexto actual de crisis contemporánea y de búsqueda de alternativas en la perspectiva de la democratización y la inclusión social. Es necesario redefinir y actualizar sus supuestos y principios en términos de metodología cualitativa para la formulación de acciones transformadoras. Proponemos elementos iniciales para lograr este objetivo, basados en reflexiones y bibliografía recientes. Sugerimos un estudio de posibilidades de aplicación en las actividades universitarias, en particular en proyectos de extensión y, finalmente, algunas indicaciones para desarrollar una ética de la investigación-acción adaptada al contexto actual.

¹ Universidade Federal da Bahia

Palabras clave: Investigación-acción, metodología,
participación, acción, extensión, Ética.

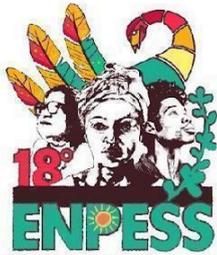
1 INTRODUÇÃO

Estamos vivendo em uma época marcada por graves crises econômicas, sociais, ambientais, sanitárias. Todos os dias, no plano internacional, assistimos a catástrofes humanitárias, guerras e massacres.

A insustentabilidade do modelo de crescimento capitalista aparece mais evidente. Com a extrema concentração de poder e de riquezas, ampliam-se a pobreza, o desemprego, o trabalho precário.

O impacto do neoliberalismo e do autoritarismo se faz sentir em todos os setores, inclusive em educação, cultura e saúde. Os avanços científicos e tecnológicos são canalizados por interesses econômicos privados e militares. O crescimento da informação sob forma digital parece extraordinário, porém coabita com a massiva desinformação e a propagação de *fake news* e da ignorância por intermédio das redes sociais. Os sistemas educacionais estão em dificuldade. A educação pública sofre tentativas de privatização. Há controvérsias e propostas de renovação do ensino em vários níveis, inclusive o nível médio. Há uma perda de sentido humano em muitas atividades: no trabalho, na educação, inclusive em universidades. São frequentemente criticados aos sistemas de avaliação herdados dos modelos de gestão neoliberal impostos pelo Consenso de Washington e a “ciberburocratização” das atividades universitárias (Fisher, 2005).

Hoje, com a propagação do conservadorismo, renascem formas autoritárias de pensamento. Existe um clima de desprezo às Humanidades, Filosofia, Ciências Sociais, Cultura e Artes. Os projetos sociais se tornam desvalorizados, assim como os discursos de participação, empoderamento, emancipação... etc. Numa perspectiva de resistência ao conservadorismo, a universidade encontra novos desafios. É preciso revalorizar o conhecimento científico e crítico, a pesquisa social e educacional com compromisso social. São necessárias novas formas de atuação nos grupos e nas comunidades. Há expectativa em projetos sociais e educacionais alternativos, com metodologia participativa, colaborativa ou cooperativa e objetivos de inclusão social (no ensino, pesquisa, extensão). Tal proposta é pensada em sentido humanizante, emancipatória, promovendo a interação horizontal, a ajuda mútua, bem diferente da desenfreada busca por competição entre pessoas e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

instituições. A metodologia participativa se apresenta como conjunto de práticas de investigação, diagnóstico, capacitação, design, planejamento etc. Tais práticas têm em comum a exigência de participação dos interessados nos problemas levantados e na busca por possíveis soluções.

Nos últimos tempos, em contraposição às tendências conservadoras e estimulada pela vontade de democratização do conhecimento, a metodologia de pesquisa-ação vem crescendo no contexto universitário em áreas de ciências sociais aplicadas, educação, saúde coletiva, tecnologias sociais etc. Requerendo ampla participação das pessoas e grupos implicados, a pesquisa-ação pode ser vista como uma estratégia de conhecimento e ação para o enfrentamento de problemas da sociedade na contemporaneidade.

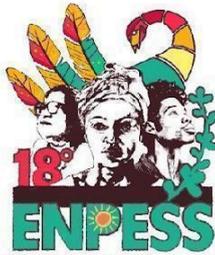
2 Princípios e pressupostos da metodologia de pesquisa-ação

As atividades vinculadas a um projeto de pesquisa-ação ocorrem em um espaço de interlocução em que os atores implicados participam diretamente na análise da situação, identificando e resolvendo problemas, com base em saberes e conhecimentos diferenciados. A aprendizagem é estimulada pela ação individual e coletiva.

A pesquisa-ação consiste em uma observação dentro de um campo da realidade social, onde se define uma situação concreta em que os atores detectam um problema coletivo. Com base na análise da situação, com a participação dos atores e dos pesquisadores, estabelecem-se deliberações e decisões sobre possíveis ações transformadoras no cenário considerado. Os pesquisadores envolvidos desempenham um papel articulador ou “animador”, sem impor diretrizes preestabelecidas. As pessoas e grupos interessados participam em todas as fases do processo investigativo: coleta de dados, redação, ações, sistematização, avaliação etc. Há compartilhamento de informações, devolução das análises aos interessados com aplicação e experimentação de possíveis soluções para o problema inicial, que serão avaliadas em termos de efetividade e Ética.

Internacionalmente, existem diversas concepções de pesquisa-ação. A que propomos supõe que os pesquisadores tenham uma visão da realidade com bases histórica, sociológica, psicológica, ecológica, com reconhecimento da abordagem científica e de formas de racionalidade. Não se trata de um projeto de simples militância.

Na situação-problema em que atuam vários atores sociais, são considerados os pontos de vista diferenciados. A identificação de problemas leva em consideração essa diferenciação, sem adesão *a priori*. As soluções ou ações propostas são de tipo melhorias



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ou transformações, com vários graus de compromisso. Deve existir vontade de participação e busca por autonomia ou emancipação por partes dos atores. Se isso não acontecer, é melhor adotar um método de observação mais convencional, tipo *survey* ou estudo de caso.

3 Variantes e denominações

Uma das dificuldades encontradas no estudo da metodologia de pesquisa-ação remete à pluralidade dos conceitos e denominações de origens históricas e idiomáticas diferentes. Um rápido retrospecto mostra um leque de denominações. Não são sinônimas, a adoção de um ou outra supõe uma escolha baseada nas condições efetivas de aplicação.

- *Action Research* (Kurt Lewin, 1946). Aplicou a pesquisa-ação aos problemas de discriminação de minorias no sul dos EUA.
- Pesquisa participante. Praticada no Brasil desde os anos 1960/70, sob influência de Paulo Freire (Carlos R. Brandão, 2006).
- *Participatory Action Research*, pesquisa-ação participativa ou *Investigación acción participativa – IAP*, sob influência de Orlando Fals Borda, desde o congresso de Cartagena de 1977 (Fals Borda, 2010).
- Pesquisa-ação cooperativa proposta nos anos 1980 por Henri Desroche (Thiollent, 2006).
- Pesquisa-ação integral e sistêmica (André Morin, 2004).
- Investigação-ação colaborativa (EstreiaDiálogos) e *Collaborative Action Research* (CARN). Sobre pesquisa-ação colaborativa em universidades, veja-se Ramalho *et al.* (2019).
- Pesquisa-ação colaborativa-crítica inspirada em Kenneth Zeichner. (Diniz Pereira; Zeichner, 2002).
- Pesquisa-ação com referência à filosofia do agir comunicativo de Jürgen Habermas, desenvolvida por H. Moser nos anos 1970 e M. Almeida (Almeida,

2019).

- Demais tipos de pesquisa intervenção (Picheth *et al.* 2016).

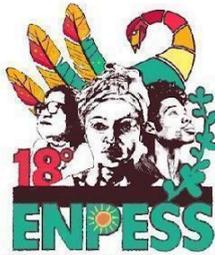
O que caracteriza fundamentalmente a pesquisa-ação é o processo interativo que pode ser qualificado como participação, colaboração, cooperação, ou mesmo, intervenção, que remetem a variações nas concepções da pesquisa, quanto aos tipos de relacionamento que se estabelecem entre pesquisadores e membros da situação. Essas variações refletem as especificidades culturais relativas às instituições e aos grupos sociais e culturais envolvidos. Em vez de oposições entre diversas definições, propomos uma possível cooperação ou complementaridade entre as propostas (Thiollent, 2014).

Anteriormente discutida em Thiollent e Oliveira (2016), a diferenciação no processo interativo entre pesquisadores e membros da situação investigada pode ser assim descrita:

- PARTICIPAÇÃO em modalidades e intensidades variáveis (com risco de superficialidade e descontinuidade).
- COLABORAÇÃO em pequena ou grande escala (com risco de falta de reciprocidade entre as partes envolvidas).
- COOPERAÇÃO com mais horizontalidade e maior exigência de reciprocidade entre os membros (com risco de nem sempre cumprida).
- INTERVENÇÃO: atuação de um grupo de pesquisadores dentro de uma situação problemática (com risco de unilateralidade).

Os pesquisadores e gestores do projeto devem estar conscientes dos riscos apontados e se empenharem em sua redução.

A. Ênfase nos aspectos qualitativos - A problemática é centrada na interpretação, compreensão, significação de fatos. Os atores em situação são levados em consideração com suas formas de expressão e linguagens. Podem ser pesquisadas as biografias dos atores, dando conta de suas trajetórias individuais e coletivas. É preciso esclarecer as opiniões, atitudes, também as argumentações, controvérsias, debates e polêmicas, em torno das diferentes propostas de ação coletiva e de construção de conhecimentos emancipatórios.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Sempre é recomendada a máxima participação dos interessados em todas as fases do processo investigativo, da ação e da difusão do conhecimento.

As técnicas de coleta de informações precisam ser repensadas. As técnicas de entrevista individual, grupos focais, questionários, as análises de conteúdo convencionais não foram concebidas numa perspectiva participativa. Há problemas de unilateralidade (falta de reciprocidade nas trocas entre interlocutores); imposição de problemática; monopólio da interpretação de resultados.

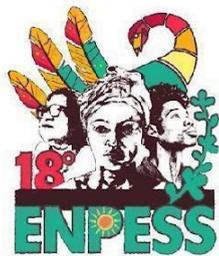
Deve-se favorecer a concepção e uso de dispositivos dialógicos por meio da análise temática das falas em grupos, das narrativas, história oral, autobiografias, maiêutica, sempre evidenciando os pressupostos, preconceitos, pontos de vista, situações particulares e rompendo a monopolização da interpretação.

B. Ênfase na ação - a concepção da pesquisa-ação vale lembrar que as ações são discutidas, dialogadas, deliberadas entre os participantes, chegando ao consenso ou não. Essas ações são altamente significativas para os atores, caso contrário as reuniões ficariam vazias. São ações portadoras de aprendizagem e de conhecimento. O fazer técnico e agir social, com aspecto de projeção (design) e comunicação, remete a uma ação transformadora proposta com adequação à situação e aos problemas identificados pelos atores. Os resultados objetivos alcançados pelos participantes são avaliados em termos de efetividade e de Ética.

Os resultados da pesquisa-ação não se resumem em tabelas de dados ou trechos de falas dos participantes. Segundo Liu (1997, p.86) os principais resultados esperados são os modos de resolverem problemas concretos encontrados no decorrer da realização do projeto a construção de conhecimentos validados pela experimentação durante o processo, a formação de uma comunidade capacitada, com competências individuais e coletivas, a formulação de novos questionamentos para pesquisas e estudos posteriores.

4 Levantamento de possibilidades de aplicação da metodologia da pesquisa ação.

Estudos preliminares são necessários para definir as aplicações existentes e esboçar outras possibilidades em novas áreas de atuação. Algumas perguntas podem orientar esses estudos. Nas universidades, quais são os grupos, departamentos de graduação e programas de pós-graduação, nos quais já existem projetos de pesquisa-ação? Existem disciplinas dedicadas a essa metodologia? Dissertações ou teses defendidas recorreram à



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

metodologia de pesquisa-ação? Existem programas e projetos de Extensão Universitária, cujos objetivos, meios e atividades são definidos com a participação das comunidades e interessados. Há iniciativas de capacitação docente, formação permanente e avaliação baseados na participação. Existem periódicos ou outros veículos de divulgação que aceitam material gerado a partir de projetos de pesquisa-ação? A metodologia participativa e de pesquisa-ação é usada nas áreas de Serviço Social e nas políticas de Assistência Social?

Desde as suas origens, a pesquisa-ação foi aplicada para esclarecer e atuar no campo das relações raciais e das discriminações (Lewin, 1946). Na África do Sul, no decorrer da luta contra apartheid, também houve exemplos de aplicação da pesquisa-ação inclusive na área educacional (Meerkotter; Robinson, 2002). Observa-se que, nos últimos anos, propagam-se novas problemáticas centradas em questões de raça e gênero, como a da interseccionalidade que começa a ser trabalhada com recursos de pesquisa-ação (Bonfim et al., 2019).

5 Participação em projetos de extensão

A extensão, enquanto abertura da universidade para a sociedade, requer novas concepções e metodologias de dimensão social, participativa e mais solidária. Podem ser projetos de extensão em comunidades (aspectos: educação, saúde, trabalho, direitos sociais, direitos humanos etc.) ou projetos de extensão para instituições (capacitação, diagnóstico, organização, prevenção, desenvolvimento local etc.). Informações sobre concepções e debates desde o final da década de 1990 quanto ao uso da metodologia pesquisa-ação em extensão universitária podem ser encontradas em Thiollent, Araújo, Soares (2000) e em Thiollent, Imperatore, Santos (2022). Na perspectiva cooperativa de Henri Desroche, há também relação entre extensão universitária e formação permanente (Thiollent, 2012).

Os critérios de avaliação qualitativa e quantitativa dos efeitos do projeto dizem respeito a: duração e cumprimentos de etapas; intensidade da mobilização dos atores e impactos no meio considerado; contribuição dos resultados da pesquisa em termos de identificação e resolução de problemas; informação produzida e difundida em canais apropriados; ações implementadas e resultados práticos (formação, empoderamento, melhorias, mudanças).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

6 Princípios para elaborar uma ética em pesquisa-ação

A ética de pesquisa no contexto dos projetos de pesquisa-ação está em discussão. A questão já foi abordada no Congresso Lusófono de Investigação-Ação Colaborativa, da Estreia Diálogo na Cidade do Porto em 2023.

Nos Comitês de Ética das universidades, os pareceristas, acostumados às metodologias convencionais, encontram dificuldades para avaliar as implicações éticas de projetos participativos ou colaborativos.

Em tais projetos, do ponto de vista dos participantes, mais do que uma questão de consentimento individual, livre e esclarecido, trata-se de uma inclusão de atores, grupos ou coletivos, que vão discutir os objetivos, os instrumentos de pesquisa, as finalidades e meios das possíveis ações. Participar ou colaborar em uma pesquisa associada a um processo grupal, por exemplo, em um movimento social, é muito mais implicante do que consentir individualmente. Nesse sentido, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) poderia ser substituído por um Termo de Participação Livre e Esclarecida (TPLE). Ainda não existe uma formalização definitiva dessa proposta, esboçada na tese de Maria Madalena Colette em: “Pesquisa-Ação Participativa e Compromisso Social” (Colette, 2021).

No plano da Ética, as precauções a serem tomadas se relacionam com várias questões a serem amplamente discutidas de modo transparente entre os proponentes dos projetos e os membros das comunidades interessadas.

É preciso esclarecer as condições de contratação do projeto junto às instituições envolvidas e de participação dos interessados, respeitando sua diversidade social e cultural.

Devem-se garantir a reciprocidade das trocas entre as partes interessadas e a efetividade das ações planejadas. Há também garantia de não se utilizarem resultados de pesquisa sem o consentimento dos participantes. Na participação, sempre se valoriza o compartilhamento da informação, embora seja preciso manter sob sigilo certos dados potencialmente prejudiciais a alguns (riscos de perseguição, repressões etc.).

É preciso também prestar atenção ao controle das formas de liderança que se manifestam no processo, para evitar influências nocivas: relações de dependência, monopolização da fala e da informação, promessas ilusórias quanto à obtenção de metas ou às soluções de problemas, quando não existem a curto ou médio prazo.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Quanto às publicações de resultados ou de análises produzidas com base na pesquisa, os organizadores devem resolver da melhor maneira possível os problemas de autoria ou coautoria e de créditos atribuídos aos diversos participantes envolvidos no projeto.

São alguns dos princípios a serem aprofundados para a elaboração coletiva de uma Ética em pesquisa-ação.

7 Conclusão

Na contemporaneidade, diante da gravidade dos problemas sociais, educacionais, ambientais e outros, reafirma-se a necessidade de redescobrir e desenvolver os métodos participativos ou colaborativos como a pesquisa-ação. A participação/ colaboração /cooperação das comunidades e grupos interessados, do modo mais direto possível, é fundamental para um real equacionamento dos problemas e busca por soluções. Com isso, fortalece-se o compromisso com ciência, educação, cultura e política em perspectiva democrática, humanizadora e emancipatória. Valorizam-se as capacidades criativas populares, eruditas e técnicas. O saber popular dialoga com o dos universitários e intelectuais críticos voltado para o avanço do conhecimento e resolução de problemas sociais, educacionais, ambientais etc.

Nas universidades públicas e, por vezes, também em algumas universidades particulares, as expectativas de projetos participativos se concretizam em políticas de inclusão, projetos de extensão em grande escala, projetos de formação permanente, convênios de cooperação com movimentos sociais.

Entre os maiores desafios encontrados, enxergamos a remoção dos preconceitos contrários ao uso de métodos participativos, que ainda existem em instituições tradicionais e entre os profissionais de formação convencional.

Docentes, estudantes e técnicos precisam saber lidar com conflitos, adversidade, clima de “pós-verdade”, também com a complexidade e a urgência das situações e a interação entre os atores, inclusive em redes. Tudo isso pressupõe o domínio das tecnologias de informação, porém sem a ilusão de que a tecnologia possa substituir completamente a presencialidade dos relacionamentos humanos.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

8 Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. L. **Diálogos sobre Pesquisa-ação**: Concepções e Perspectivas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

BOMFIM, R.; ROCHA, M.S.L.; BAHIA, A.G.M.F. **Pesquisa-ação como metodologia e interseccionalidade(s) como método-praxis**: rupturas dentro dos paradigmas da ciência moderna que criam espaços de construções dialógicas dentro do campo jurídico. Revista de Direito da Faculdade, vol. 6, núm. 2, pp. 1-22, 2019 -

DOI: <https://doi.org/10.29293/rdfg.v6i02.269> Consultado em 12/07/2024.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (org). **Pesquisa participante**. O saber da partilha. Aparecida-SP: Idéias e Letras, 2006.

DESROCHE, H. **Pesquisa-ação**: dos projetos de autores aos projetos de atores e vice versa. In: THIOLENT, M. (org). Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p.33-68.

DINIZ-PEREIRA, J.E.; ZEICHNER K.M. **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

COLETTE, M. M. **Pesquisa-Ação Participativa e Compromisso Social da Universidade**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

FALS BORDA, O. (2010 [1986]). **La investigación-acción participativa**: política y epistemología. In: GUERRA, J.M. (ed.). Antología Orlando Fals Borda. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

FISHER, M. **Realismo Capitalista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

LEWIN, K. Action Research and Minority Problem (1946). Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x> Consultado em 12/07/2024.

LIU, M. **Fondements et pratiques de la recherche-action**. Paris: L'Harmattan, 1997.

MEERKOTTER, D.; ROBINSON, M. Quinze anos de pesquisa-ação pela emancipação política e educacional de uma universidade sul-africana. In: DINIZ-PEREIRA, J.E.; ZEICHNER K.M. **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

MORIN, A. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PICHETH, S. F., CASSANDRE, M. P., & THIOLENT, M. J. M. (2016). Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. *Educação*, 39(4) Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/24263> Consultado em 12/07/2024.

RAMALHO, A.C.; RIBEIRO, M.L.; SILVA, F.O. **Pesquisa-ação colaborativa na universidade: Experiências e práticas inovadoras**. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2019, 371 p.

THIOLENT, M. Fundamentos e desafios da pesquisa-ação: Contribuições na produção de conhecimentos interdisciplinares. In: TOLEDO, R. F.; JACOBI, P. R. (Org.). **A pesquisa ação na interface saúde, educação e ambiente**. 1ª.ed. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2012, pp. 17-40.

THIOLENT, M. A educação permanente segundo Henri Desroche. *Pró-Posições. Revista da Faculdade de Educação da UNICAMP*. Campinas, v. 23, p. 239-243, 2012.

THIOLENT, M. Pesquisa participante e pesquisa-ação: Uma visão de conjunto. In: STRECK, D.; SOBOTKA, E A.; EGGERT, E. (Org.). **Conhecer e Transformar: Pesquisa ação e pesquisa participante em diálogo internacional**. 1aed.Curitiba: Editora CRV, 2014, p. 15-26.

THIOLENT, M.; COLETTE, M. M. **Action Research And Participatory Research in Brazil**. In: Rowell, L.L., Bruce, C., Shosh, J.M., Riel, M. (Eds.). (Org.). *The Palgrave International Handbook of Action Research*. 1ed.Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2016, v. 1, p. 200-220.

THIOLENT, M.; COLETTE, M. M. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 36, p. 207-216, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307332697009> Consultado em 12/07/2024.

THIOLENT, M.; COLETTE, M.M. Pesquisa-ação, universidade e sociedade. Salvador, *Revista Mbote*, v.1, n.1 (2020). Disponível em:

<https://doi.org/10.47551/mbote.v1i1.9382>.

https://www.academia.edu/61321670/Pesquisa_A%C3%A7%C3%A3o_Universidade_e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

_ **Sociedade** Consultado em 12/07/2024.

THIOLLENT, M.; OLIVEIRA, L. Participação, cooperação, colaboração na relação dos dispositivos de investigação com a esfera da ação sob a perspectiva da pesquisa-ação. In: CIAIQ2016, 2016, Porto (Portugal). Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, 2016. v. III. p. 357-366. Disponível em: <https://docplayer.com.br/60478540-Participacao-cooperacao-colaboracao-na-relacao-dos-dispositivos-de-investigacao-com-a-esfera-da-acao-sob-a-perspectiva-da-pesquisa-acao.html> Consultado em 12/07/2024.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18ª. edição. São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLLENT, M. (org.) **Pesquisa-ação e Projeto Cooperativo na Perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

THIOLLENT, M., ARAÚJO FILHO, T. de, SOARES, R.L.S. (coord.) **Metodologia e Experiências em Projetos de Extensão**. Niterói: EDUFF, 2000. 340 p. THIOLLENT, M.; IMPERATORE; S.; SANTOS, S.R. M. (Org.). **Extensão Universitária**. Concepções e reflexões metodológicas. Curitiba: C.R.V., 2022. 156 p.